

Curioso(s) e curiosidade

Antonio Cesar de Almeida Santos¹

A ideia de elaborar um glossário de termos setecentistas surgiu em 2016, durante a realização do *III Colóquio Cultura e educação na América portuguesa*. Naquela ocasião, alguns dos participantes do evento, provocados por uma comunicação que se referia à obra *Recreação Filosófica*, do padre oratoriano Teodoro de Almeida (Govaski, 2016), discutiram a possibilidade de produzir um conjunto de textos que abordassem os significados de diversas palavras para a sociedade portuguesa do século XVIII. A proposta derivava do subtítulo dos seis primeiros volumes da mencionada obra, no qual se faz referência a “pessoas curiosas”, expressão que chamou a atenção de integrantes do *Grupo de Pesquisa Cultura e educação nos Impérios ibéricos* (CEIbero): quem seriam as tais “pessoas curiosas”? Alguns anos antes, pesquisadores do CEIbero já haviam sugerido que era necessário investigar o sentido atribuído a determinadas palavras nos seus contextos de enunciação, de onde surgiu o *Glossário de termos do mundo ibérico setecentista*.

Com o *Glossário*, nosso objetivo é o de construir uma compreensão da sociedade em que determinadas palavras (ou expressões) circulavam; assim, “com a ajuda de textos” – as nossas fontes –, pretendemos “chegar a enunciados que ultrapassam os textos, porquanto os situa em um contexto histórico de significação” (Koselleck, 2021, p. 146). Para alcançar o objetivo proposto, analisamos “expressões e construções de linguagem” (Turin, 2019, p. 18) registradas em materiais produzidos por uma determinada sociedade, desconfiando

¹ Doutor em História; professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). acsantos@ufpr.br

[...] da enganosa transparência da linguagem das fontes, que muitas vezes camufla sua radical alteridade semântica sob uma fina camada lexical de palavras conhecidas –, vozes familiares que nos levam a acreditar falsamente no imediatismo e na transparência de seus significados (Fernández Sebastián, 2023, p. 36).

Alterações nos significados de palavras são algo comum, pois eles são contingentes e derivam de práticas sociais historicamente situadas; ainda assim, entendemos ser válido investigar os usos e significados que uma dada sociedade confere a determinadas palavras, no caso, as palavras curioso(s) e curiosidade na sociedade portuguesa do século XVIII. Isso se deve, em parte, a uma consulta prévia a dicionários publicados, em Portugal, naquele século, quando se constata que houve uma transformação nas noções correspondentes a essas palavras. Os dicionários são aqui especialmente invocados porque, conforme João Paulo Silvestre (2004, p. 8), eles apresentam um discurso “legitimador de um determinado uso” das palavras.

No início do século XVIII, o religioso teatino Rafael Bluteau registrou, em seu *Vocabulário português e latino*, que o substantivo curioso designava a pessoa interessada em saber “coisas que lhe não importam”, indicando ainda que “os curiosos são grandes perguntadores, como o Mestre deles, o Demônio”, e que procuravam investigar “coisas ocultas”. Por sua vez, curiosidade expressava um “desordenado desejo de ver, ou de saber coisas novas, ou que nem são úteis nem necessárias”, sendo o atributo “dos que investigam coisas ocultas” (Bluteau, 1712, t. 2, p. 642).

Em 1755, o padre secular Carlos Folqman publicou seu *Dicionário português e latino ... compilado do Vocabulário do Reverendo Padre D. Raphael Bluteau e dos melhores Dicionários de várias línguas*. Para Folqman, o substantivo curioso identificava aquele que é “amigo de saber” e “de aprender”. Curiosidade não recebeu maior atenção, apenas sendo indicada sua etimologia: “*curiositas, átis*”. Mas, Folqman registra uma novidade, a palavra “curiosa” (Folqman, 1755, p. 151); a flexão feminina de curioso estava ausente em Bluteau.

No final daquele século, apareceu um outro dicionário. O bacharel Antonio de Moraes Silva publicou o *Dicionário da língua*

portuguesa, em 1789 (primeira edição), informando tratar-se de uma edição revista do *Vocabulário* de Bluteau, que havia sido publicado entre 1712 e 1728. Em seu *Dicionário*, Silva define curiosidade como “o cuidado e diligência particular” que têm os que desejam “fazer bem alguma coisa”. Assim, um sujeito curioso (adjetivo) é pessoa dotada “de curiosidade”, interessada em fazer “as coisas com cuidado para que saiam bem”. Como substantivo, curioso é quem aprendeu pela prática, “que não deu anos a aprende-la com mestre e não a sabe a fundamento” (Silva, 1789, v. 1, p. 356). Os três dicionários também apresentam o advérbio curiosamente: “com desejo de saber” (Bluteau), “com aplicação, com estudo” (Folqman) e “com curiosidade” (Silva).

Percebe-se, pelos dicionários indicados, que houve uma transformação significativa nas noções de curioso e de curiosidade, no decorrer do século XVIII: a pessoa que investigava “coisas ocultas” e cujo mestre era “o Demônio” passou a ser alguém interessado em realizar as coisas com cuidado e diligência. Também devemos destacar o registro de Carlos Folqman, que atribuiu o significado de “amigo de aprender” para a palavra curioso. Este significado provém de *studiosus*, que designa uma pessoa estudiosa; entretanto, para a doutrina tomista, ainda em voga na primeira metade do século XVIII, a *studiositas*, qualidade do estudioso, opunha-se à *curiositas*, a característica do curioso.

Antes de avançarmos na discussão acerca dos significados das palavras curioso(s) e curiosidade no século XVIII português, é importante considerar que, em Portugal, o número de pessoas alfabetizadas era pequeno, assim como era difícil o acesso aos novos conhecimentos científicos que circulavam pela Europa (Fiolhais, 2017, p. 90), dada as dificuldades decorrentes da ação da censura. Apesar dessa situação, é possível identificar a existência do que podem ser considerados ambientes eruditos, nos quais circulavam textos sobre a física e a filosofia modernas, além de obras jurídicas e morais, contribuindo para que, desde o final do século XVII, “começasse a haver em Portugal certo conhecimento das ideias e escritos mais importantes dos sábios e filósofos inconformistas” (Dias, 2006, p. 121-123), em referência a pensadores franceses, em sua maior parte, mas também a ingleses e italianos, estes últimos identificados como

pertencentes a correntes católicas modernas, como Luís Antonio Muratori e Antonio Genovesi (Neves, 2019).

A propósito, diversos religiosos estiveram à frente dessa modernização mental dos portugueses, como o já referido padre Rafael Bluteau, professo da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, em Lisboa, a qual, “durante os reinados de D. Pedro II e D. João V”, constituiu-se em “um centro de intenso labor intelectual, albergando figuras de uma notável erudição e reconhecido prestígio social. [...] O convento foi ponto de encontro da nobreza e da corte, inclusive com a participação do rei” (Silvestre, 2004, p. 23). Situação semelhante ocorria na sede lisboeta da Congregação do Oratório, que desenvolvia “uma actividade pedagógica regular, apoiada num gabinete de física experimental, num observatório astronómico, e numa biblioteca” (Fiolhais, 2017, p. 92). As atividades da Congregação, que incluíam conferências e demonstrações de física, também atraíam grande número de interessados, cuja “maioria era constituída por homens de letras e fidalgos ilustrados” (Dias, 2006, p. 206).

Além dos conventos, os “homens de letras” também frequentavam as academias (literárias ou científicas), como a existente na casa dos condes da Ericeira, da qual Rafael Bluteau fez parte, e que assim se referiu a ela:

No ano de 1696, na livraria do Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses, se instituiu outra Academia portuguesa, com o título de Conferências discretas, em que, aos domingos à noite, a mais ilustre e erudita nobreza do reino se ajuntava a examinar e resolver questões físicas e morais (Bluteau, 1712, v. 1, p. 60).

Essas academias reuniam, em geral, pessoas interessadas pelas novidades científicas e literárias, ainda que muitos participantes ainda conservassem “as marcas do gosto e da afectação retórica típicas do Barroco” (Araújo, 2003, p. 24). Mas, no decorrer do setecentos, essas associações tornaram-se importantes espaços

[...] para o surgimento de um público esclarecido que em apoio da circulação de livros e periódicos estrangeiros se instruía nas mais recentes correntes do cientismo europeu e para o enraizar da tradição da reunião e do convívio intelectuais (Silva, 2020, p. 15).

Apesar do limitado alcance das atividades dessas academias, elas prenunciavam um “renovamento do espectro intelectual português” (Silva, 2020, p. 13), no qual despontava o exercício da crítica, uma atitude necessária para a renovação de ideias e mudanças culturais.

É nesse contexto que se insere o processo de ressemantização das noções associadas às palavras curioso(s) e curiosidade. A propósito, devemos apontar que, desde a Antiguidade, a noção de curiosidade encerrava uma dupla dimensão: por um lado, era vista como “uma pulsão de saber”, indicando uma “dimensão epistemológica”, positivamente valorada; por outro lado, era-lhe atribuída uma dimensão “ético-moral”, à medida que era percebida como manifestando uma “libido perigosa”, negativamente percebida (Bombassaro, 2022, p. 446). Nesse sentido, Bluteau, ao registrar que a curiosidade seria um “desordenado desejo de ver, ou de saber coisas novas”, além de ser a “aplicação dos que investigam as coisas ocultas”, estava, aparentemente, seguindo uma “tradição filosófica” que sempre considerou a curiosidade como um “desejo vão”, estando “incluída no catálogo de vícios” (Tatián, 2019, p. 349).

A percepção da Igreja católica, de forte presença em Portugal, sobre a curiosidade (e os curiosos) foi influenciada, principalmente, por Santo Agostinho e por São Tomás de Aquino, tendo sido “atacada e estigmatizada como um perigo potencial (e pecaminoso), pois comprometia a salvação da alma” (Souza Filho, 2022, p. 150). Como já apontamos, a doutrina tomista, “no que se refere à busca do saber”, estabeleceu uma distinção entre uma posição “virtuosa” e outra “viciosa”: à primeira corresponderia uma atitude “estudiosa”; à segunda, apenas “curiosa” (Theobaldo, 2022, p. 164).

Como é possível perceber, “o estudo e as indagações em torno da curiosidade” e daqueles que a tinham como atributo – os curiosos – constituíram-se “como uma temática clássica desde a Antiguidade greco-romana, atravessando o mundo medieval e tendo um momento particularmente fecundo nos primórdios da modernidade”, passando “a integrar o rol das virtudes do cientista” (Theobaldo; Cruz, 2022, p. 5). O período moderno trouxe uma desestigmatização da curiosidade (e dos curiosos), que passou a ser entendida como uma atitude voltada

para o aperfeiçoamento intelectual e moral: querer saber (ou aprender) tornou-se uma atividade útil e legítima, e a pessoa curiosa, antes vista como associada ao demônio e portadora de um vício, passou a ser aquela “que deseja e procura de algum modo saber aquilo que de algum modo ignora” (Bombassaro, 2022, p. 449).

Como indicamos, o *Vocabulário* do padre Rafael Bluteau apresenta definições desabonadoras para as palavras curioso e curiosidade. Reforçando essa posição, no segundo volume do *Suplemento ao Vocabulário*, ele registrou alguns comentários acerca da palavra curiosidade, inicialmente definida como “um desejo de saber”. Todavia, conforme o religioso, era um desejo de saber que podia ser pernicioso, conformando-se ainda a um “vício de invejosos e maldizentes”, além de ser uma inclinação “perturbadora da quietação e do descanso, quando se ocupa na indagação de matérias difíceis e superiores ao entendimento humano”, de onde podem surgir “as heresias e o Ateísmo” (Bluteau, 1728, p. 479). Apesar desse tom depreciativo, Rafael Bluteau utilizou as palavras curioso e curiosidade nas páginas pré-textuais do primeiro volume de seu *Vocabulário* com acepções favoráveis. Na dedicatória a D. João V, ele saúda sua própria curiosidade como a responsável pela escolha das palavras que compõem o *Vocabulário*, qualificando-o como o resultado de uma “erudita experiência” (Bluteau, 1712, t. 1, não paginado). No lugar de se constituir em um “desordenado desejo de ver, ou de saber coisas novas, ou que nem são úteis nem necessárias” (Bluteau, 1712, t. 2, p. 642), ele utilizou a palavra curiosidade com um significado correlato ao de erudição, aproximando-se da noção de *studiositas* de cariz tomista, em flagrante oposição às definições apresentadas no segundo volume do *Vocabulário* e no *Suplemento*.

Em relação à palavra curioso(s), ocorre a mesma situação. Antes identificado como um discípulo do demônio, o curioso (substantivo ou adjetivo) aparece no “prólogo do autor a todos os tipos de leitores” como alguém virtuoso, que poderá vir “a saber muito mais que os Antigos”. Bluteau reafirma o tom enaltecedor dessas noções (curioso e curiosidade), assinalando que “aos curiosos poupa esta obra o gasto de uma grande livreria”, pois “para não ser inútil ao público esta minha

curiosidade, procurei reduzir a esta obra todos os livros que me vieram às mãos” (Bluteau, 1712, t. 1, não paginado).

Ainda na primeira metade do século XVIII, outros autores portugueses utilizaram essas duas palavras – curioso(s) e curiosidade – com sentido favorável, como o carmelita António de Mariz Faria que, em 1721, publicou um livro intitulado *Peregrino curioso*. O autor, que se identifica como “mestre na sagrada teologia”, não qualifica os termos em questão com os sentidos que a tradição católica usualmente lhes atribuía, ainda que o “peregrino curioso” se mostre receoso em manifestar sua curiosidade. António de Mariz Faria valeu-se do “desejo de saber” de um imaginado “peregrino curioso” para expor seus conhecimentos acerca da “vida, morte, traslado e milagres” de São João Marcos a quantos leitores pudesse alcançar (Faria, 1721, p. 2).

Na década seguinte, Francisco Ferrão de Castelo-Branco publicou uma tradução do livro *Modèles de conversations pour les personnes polies*, informando: “o Autor destas conversações, que são muitas, e em diferentes matérias, as reduziu a um Tomo, e a minha curiosidade as determina dar à estampa divididas, porque assim fica mais fácil aos curiosos aceita-los” (Castelo-Branco, 1734, p. 7). O tradutor identifica-se como uma pessoa curiosa (tem curiosidade), e as “pessoas de qualidade” a quem ele dirige o seu trabalho são curiosos (substantivo), na acepção registrada por Carlos Folqman em seu Dicionário (têm vontade de saber e de aprender). Além de publicar a tradução em fascículos, Castelo-Branco fez uma outra alteração bastante significativa em relação ao original, acrescentando o adjetivo “curiosas” ao título da obra: *Modello de conversações para pessoas polidas, e curiosas*. Novamente, as palavras curiosos, curiosas e curiosidade manifestam um sentido positivo, denotando um desejo de saber.

O adjetivo curiosa também aparece no título de uma pequena brochura publicada em 1750, *Relação curiosa da varanda em que se celebrou a aclamação... do rei D. José I*. Em suas 20 páginas, o texto registra

[...] a ocorrência da palavra curiosa, inclusive no título, quatro vezes (três como adjetivo e uma como substantivo), o advérbio curiosamente aparece três vezes, o substantivo curiosidade é utilizado sete vezes e o adjetivo curiosos, uma vez. Exceto o advérbio, que

mantém constante o seu significado, as demais palavras são utilizadas em diferentes contextos de enunciação e com diferentes significados.

Apesar das diferenças encontradas, seu uso sempre denota um sentido de algo (uma ação ou objeto) realizado ou apresentado com cuidado, de valor excepcional (Santos, 2025, p. 320): “Esta é (benigno leitor) a curiosa relação no título prometida, e entendo que na execução desempenhada, que o meu empenho foi observar indefectivamente a verdade” (*Relaçam...*, 1750, p. 22).

A acepção registrada por Antonio de Moraes Silva para o substantivo curioso, como sendo a pessoa que aprendeu um determinado ofício pela prática, sem o auxílio de “um mestre” (1789, v. 1, p. 356), aparece na “instrução” que o 3º marquês de Valença e 9º conde de Vimioso, D. José Miguel João de Portugal, membro da Academia Real da História Portuguesa, redigiu para seu filho primogênito, na qual faz referência ao seu antepassado, o 7º conde de Vimioso, D. Miguel de Portugal: “Era tão curioso de bons cavalos que, não sendo professor da arte da cavalaria, chegou a ter em Évora trinta cavalos da sua pessoa” (Portugal, 1741, p. 87-88). Para D. José Miguel, qualificar seu ascendente de curioso, por não ter profundos conhecimentos da “arte da cavalaria”, não era demérito; ao contrário, apontou para a positividade daquela noção: ter interesse e procurar fazer bem feito caracterizava o curioso, outrora ocupado em investigar “coisas ocultas”.

O oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo (1751), no prefácio de seu *Exercícios de língua latina e portuguesa*, também se afasta do sentido depreciativo que a tradição católica havia atribuído à palavra curioso, utilizando-a para identificar as pessoas que tivessem interesse em conhecer o que fosse considerado útil: ele esperava que, com a leitura de seu livro, as pessoas curiosas (interessadas) pudessem se instruir “acerca da fé e bons costumes”, além de aprender algumas frases latinas e suas correspondentes em língua portuguesa.

Muitos são os exemplos a que podemos recorrer, para mostrar como as noções de curioso(s) e curiosidade estiveram revestidas de positividade, no século XVIII, em Portugal. O já mencionado padre Teodoro de Almeida, em sua obra *Recreação Filosófica*, que traz o

subtítulo “ou Diálogo sobre a Filosofia Natural para a instrução de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas” (10 volumes publicados entre 1751 e 1800), declarou que procurou oferecer um meio “para que os curiosos se possam instruir”. Assim, seu propósito foi o de apresentar as novas ideias que circulavam na Europa para aqueles que, apesar de não estarem privados “da luz da razão”, não tinham acesso aos livros publicados em línguas estrangeiras. Ele também afirmava que escrevia para os que “não têm tido estudos” e que não se importavam em receber “uma instrução mediana” (Almeida, 1786, t. 1, não paginado). Os comentários de Teodoro de Almeida evidenciam que a expressão “pessoas curiosas”, que ele utiliza no subtítulo de sua obra, tem um sentido equivalente à noção de pessoas que querem aprender, como registrado por Carlos Folqman para o substantivo curioso. Também para o religioso Luís do Monte Carmelo, os curiosos eram os interessados em aprender, mesmo que não pudessem frequentar escolas ou contar com “mestres” que os ensinassem (Monte Carmelo, 1767, não paginado). Tal como Teodoro de Almeida, o carmelita distinguia as pessoas curiosas, aquelas que buscavam se instruir, dos “ignorantes”, aqueles que não se interessavam em obter conhecimentos, apesar das obras colocadas ao alcance deles.

Para o frei D. Manuel do Cenáculo e para os redatores dos *Estatutos literários dos carmelitas calçados*, a curiosidade não deveria ser vista como um “dos muitos defeitos que concorrem para atrasar felizes adiantamentos” nos estudos (Beja, 1791, p. 3); ao contrário, ela deveria ser incentivada e utilizada em prol do aprendizado. Excitar a curiosidade dos alunos surge como um instrumento pedagógico, na medida em que a disposição dos curiosos (estudantes) deveria ser utilizada como um estímulo aos estudos: “persuadindo-os a que com a sua curiosidade e aplicação podem fazer-se capazes de a ler [a língua grega] e entender brevemente, [...] para que continuando curiosos e aplicados cheguem a ser nela suficientemente instruídos” (*Estatutos*, 1776, p. 57).

Como vemos, as palavras curioso(s) e curiosidade estavam sendo utilizadas com um sentido otimista. A percepção católica da curiosidade “como um perigo potencial (e pecaminoso)”, que “comprometia a salvação da alma” (Souza Filho, 2022, p. 150) deixou de ser predominante para a sociedade portuguesa do século XVIII, que

passou a valorizar atitudes que manifestavam o interesse de alguém em saber/aprender o que desconhecia; a curiosidade passou a ser vista como um instrumento para o aperfeiçoamento intelectual e moral, mesmo quando realizado fora das escolas.

Para encerrar estes breves apontamentos, queremos recuperar as palavras de Reinhart Koselleck (2021, p. 146), reafirmando nossa proposta de, “com a ajuda de textos, chegar a enunciados que ultrapassam os textos, porquanto os situa em um contexto histórico de significação”; quer dizer, nosso principal objetivo, com a elaboração do *Glossário de termos do mundo ibérico setecentista*, é o de produzir a compreensão de uma dada sociedade “através do prisma da linguagem” (Fernández Sebastián, 2023, p. 54), no caso, da sociedade portuguesa setecentista.

Neste texto, acompanhamos os usos e os significados atribuídos às palavras curioso (adjetivo ou substantivo, e suas flexões) e curiosidade, desde o registro delas no *Vocabulário* de Rafael Bluteau, no qual aparecem definidas segundo uma tradição católica, que as entendia como um vício que distanciava os fiéis de Deus, na medida em que abrigava “um impulso diabólico” (Tatián, 2019, p. 349), até serem reconhecidas como noções associadas ao exercício de uma atividade intelectual “legítima e útil sobre temas legítimos e úteis” (Sartorelli, 2022, p. 122).

Ao considerarmos como Rafael Bluteau utilizou as palavras curioso(s) e curiosidade nas páginas pré-textuais do primeiro volume do *Vocabulário*, verificamos que “os significados favoráveis atribuídos a essas palavras já estavam plenamente estabelecidos desde, pelo menos, o início do século XVIII, em Portugal”. Entendemos que essa conotação positiva está associada à presença “do espírito científico moderno, marcado pelo exercício da Razão, e que defendia a observação e a experimentação” em substituição a dogmas pré-fixados, em especial os da Igreja católica. Nesse sentido, o surgimento de espaços de “sociabilidade intelectual e de exercício das opiniões pessoais e da crítica, foi um indicativo desse novo espírito que transformou a curiosidade em virtude”. Durante a Ilustração portuguesa, as pessoas curiosas “foram movidas por uma curiosidade

legítima e útil: queriam saber e discorrer sobre os mais diversos assuntos (políticos, inclusive)” (Santos, 2025, p. 327).

Referências

ALMEIDA, Teodoro de. *Recreação Filosófica*, ou diálogo sobre a Filosofia Natural para instrução de pessoas curiosas que não frequentarão as aulas. 5.ª imp. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1786, t. 1.

ARAÚJO, Ana Cristina. *A cultura das Luzes em Portugal*: temas e problemas. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

BEJA, Bispo de (Manuel do Cenáculo Vilas Boas). *Cuidados literarios do prelado de Beja* em graça do seu Bispado. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, t. 1.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, t. 2.

BLUTEAU, Rafael. *Suplemento ao Vocabulário português e latino* – Parte II. Lisboa Occidental: na Patriarcal Officina da Música, 1728.

BOMBASSARO, Luiz Carlos. A metamorfose do ‘curioso’ em Giordano Bruno. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 15, n. 2, p. 445-453, jul.-dez., 2022.

CASTELO-BRANCO, Francisco Ferrão de. *Modello de conversações para pessoas polidas, e curiosas* / escrito pelo Abbade de Bellegarde em a lingua Franceza; tradusido em o idioma portuguez por Francisco Ferram d'Castello-Branco... Iª Parte. Lisboa Occidental: na Officina de Pedro Ferreira impressor da augustíssima Rainha N. S., 1734.

DIAS, José Sebastião da Silva. *Portugal e a cultura europeia (séculos XVI a XVIII)*. Porto: Campo das Letras, 2006 [1952].

ESTATUTOS LITERARIOS dos Religiosos Carmelitas Calçados da Provincia de Portugal, ordenados em conformidade das ponderosas, e

sempre respeitáveis disposições dos Novos Estatutos da Universidade de Coimbra / pelo Prelado maior da mesma Província o P. M. Doutor Fr. Francisco Ferreira da Graça. Lisboa: na Regia Officina Typografica, 1776.

FARIA, António de Mariz. *Peregrino curioso da vida, morte, trasladação, & milagres do gloriosissimo Senhor S. João Marcos, na augusta cidade de Braga*. Lisboa Occidental: na officina de Antonio Pedrozo Galram, 1721.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. *História conceitual no Atlântico ibérico: linguagens, tempos, revoluções*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Editora Hucitec, 2023.

FIGUEIREDO, António Pereira de. *Exercícios da lingua latina, e portuguesa acerca de diversas couzas para uso das escollas da Congregaçam do Oratorio na casa de N. Senhora das Necessidades, ordenados pela mesma Congregação*. Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues, 1751.

FIOLHAIS, Carlos. Os diálogos filosóficos do padre Teodoro de Almeida. *Limite – Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonia*, Cáceres, v. 11, n. 1, p. 89-110, 2017.

FOLQMAN, Carlos. *Diccionario português e latino ... compilado do Vocabulario do Reverendo Padre D. Raphael Bluteau e dos melhores Diccionarios de varias linguas*. Lisboa: na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1755.

GOVASKI, Patrícia. Teodoro de Almeida e a literatura de divulgação da Filosofia moderna em Portugal na segunda metade do século XVIII. *Anais do III Colóquio Cultura e educação na América portuguesa*. Curitiba, 2016, p. 41-58.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma latente filosofia do tempo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

MONTE CARMELO, Luís de. *Compendio de orthografia*, com sufficientes catalogos, e novas regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a Orthologia, e Prosódia... Lisboa: na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

NEVES, Guilherme Pereira das. Luzes intolerantes: Luís Antonio Muratori (1672-1750), Antônio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), Luís Antônio Vernei (1713-1792), José Francisco Correia da Serra (1751-1823) e o mundo luso-brasileiro. In: FLECK, Eliane C. Deckmann; DILLMANN, Mauro (orgs.). *O universo letrado da Idade Moderna: escritoras e escritores portugueses e luso-brasileiros, séculos XVI-XIX*. São Leopoldo (RS): Oikos; Ed. Unisinos, 2019, p. 314-341.

PORTUGAL, José Miguel João de. *Instrução que o conde de Vimioso Dom Joseph Miguel Joam de Portugal, dá a seu filho D. Francisco Joseph Miguel de Portugal, Fundada nas acções moraes, politicas e militares dos Condes de Vimioso seus ascendentes*. Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues, 1741.

RELAÇAM CURIOSA DA VARANDA, em que se celebrou a aclamação, e exaltação ao trono do sempre inclyto,... Lisboa: na Officina de Pedro Ferreira, 1750.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Curiosidade e curiosos na Ilustração portuguesa: palavras, seus usos e significados. *TEL – Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, Irati (PR), v. 16, n. 1, p. 306-333, jan.-jun. 2025.

Disponível

em:

<https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/24702/209209219795>

SARTORELLI, Elaine C. Interpretação e restituição: a filologia “radical” de Miguel Servet contra “as monstruosidades dos sofistas”. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 15, n. 2, p. 114-138, jul.-dez., 2022.

SILVA, Antonio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, 2 v.

SILVA, Diana Sofia Tavares. *A Sociedade Literária Patriótica de Lisboa: sociabilidade e cultura política*. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2020.

SILVESTRE, João Paulo Martins. *Rafael Bluteau e o “Vocabulário português, e latino”*: teoria metalexicográfica, fontes e recepção. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2004.

SOUZA Filho, José Alexandrino. Curiosos ensaios. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 15, n. 2, p. 139-158, jul.-dez., 2022.

TATIÁN, Diego. El estudio de las humanidades como cuidado del mundo. In: TATIÁN, Diego; CASARIN, Marcelo. *Universidad, producción del conocimiento e inclusión social: a 100 años de la Reforma*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba; Centro de Estudios Avanzados, 2019, p. 345-364.

THEOBALDO, Maria Cristina. Usos legítimos e ilegítimos da curiosidade em Montaigne. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 15, n. 2, p. 159-178, jul.-dez., 2022.

THEOBALDO, Maria Cristina; CRUZ, Marcus. Apresentação do dossiê Interpretações sobre a curiosidade. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 15, n. 2, p. 4-8, jul.-dez., 2022.

TURIN, Rodrigo. *Tempos precários*: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. [S. l.]: Zazie Edições, 2019.

Este texto é uma versão resumida e modificada de SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Curiosidade e curiosos na Ilustração portuguesa: palavras, seus usos e significados. *TEL – Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, Irati (PR), v. 16, n. 1, p. 306-333, jan.-jun. 2025. Disponível em: [Vista do Curiosidade e curiosos na Ilustração portuguesa](#). Recomendo aos “curiosos” a leitura do original.